

A escola oficial perde a dignidade

Salas de aulas com mais de 50 alunos, escolas com turnos de apenas duas horas diárias, falta de material didático — desde giz a bibliotecas — professores mal pagos e desestimulados, prédios necessitando reformas urgentes, altos índices de repetência e de evasão, pequeno número de serventes e de pessoal administrativo. Estes são alguns dos problemas do ensino público em todo o País, que piora a cada ano.

As secretarias estaduais de Educação apontam como um dos principais indicadores da queda da qualidade do ensino o índice de repetência nas primeiras séries do primeiro grau. Em São Paulo, 40% dos alunos do primeiro ano são reprovados. Na Bahia, as estatísticas mostram casos de alunos que freqüentam a mesma série durante três anos e isso faz com que cerca de 60% dos estudantes abandonem a escola. Desses, apenas 20% conseguem chegar ao final da oitava série.



A Fundação Pedroso Horta fez um levantamento da situação no Paraná. Os números se repetem: 60% das crianças são excluídas da escola antes de completar a quarta série do primeiro grau e só 20 ou 25% concluem a educação básica. De cada cem alunos que entram na primeira série do primeiro grau, apenas 15 continuam até o final da oitava série sem reprovação.

O índice de evasão no Paraná também é alto: 10,8% dos alunos matriculados abandonam as aulas entre a primeira e a quarta série e 19,1% saem entre a quinta e a oitava. De cada mil alunos que entram na rede paranaense, apenas 129 concluem o primeiro grau e, destes, somente 74 chegam à universidade. "A escola como está concebida atualmente é incompetente. E não há nada mais democrático numa escola do que a competência", afirma o secretário da Educação do Paraná, Belmiro Valverde.

"A situação de carência e de quase total inviabilização chegou a tal ponto que muitos pais só colocam as crianças nas escolas públicas por absoluta necessidade, quando não dispõem de recursos para pagar a escola privada", lamenta Jocelino Azambuja, presidente da Associação dos Círculos de Pais e Mestres do Rio Grande do Sul, uma entidade que reúne cerca de 15 mil grupos de pais de todo o estado.

Se os problemas de evasão e repetência são graves, pior é o fato de muitas crianças não terem oportunidade de ir à escola. Em Pernambuco, 970 mil alunos freqüentam as aulas, mas mais de cem mil crianças não têm onde estudar. Para muitas escolas, o governo pernambucano precisou comprar carteiras, pôbis as crianças tinham aulas sentadas no chão. Na rede estadual, 258 mil crianças têm apenas duas horas diárias de aula, o "turno da fome", pois a maioria das escolas tem três períodos. Só no próximo ano serão reduzidos para dois, com quatro horas e meia de aula, cada. Para melhorar a qualidade do ensino, a Secretaria da Educação pediu a participação das universidades do estado, que vão discutir e sugerir formas de implementar metodologias de ensino.

Causas

"A razão deste quadro em todo o País foi a política clientelista de governos anteriores que, preocupados em empregar pessoas que tinham como única qualificação a amizade com políticos, não investiram na melhoria do ensino", afirma Heloísa Curvelo, diretora do Departamento de Primeiro Grau da Secretaria da Educação da Bahia.

Uma das provas desse clientelismo foi divulgada no início do mês: a secretaria realizou um levantamento no seu quadro de pessoal e descobriu cerca de cinco mil servidores contratados como professores, mas sem qualquer formação profissional. Grande parte deles era semi-analfabeto.

A secretaria de Educação de Pernambuco, Silke Weber, confirma que a área de educação é conhecida por ter sido "uma das mais utilizadas eleitoralmente nos últimos anos. A maioria dos professores foi contratada sem

Levantamento da repórter Sílvia Maiolino (São Paulo) e da Agência Estado

concurso, provocando a queda da qualidade do ensino".

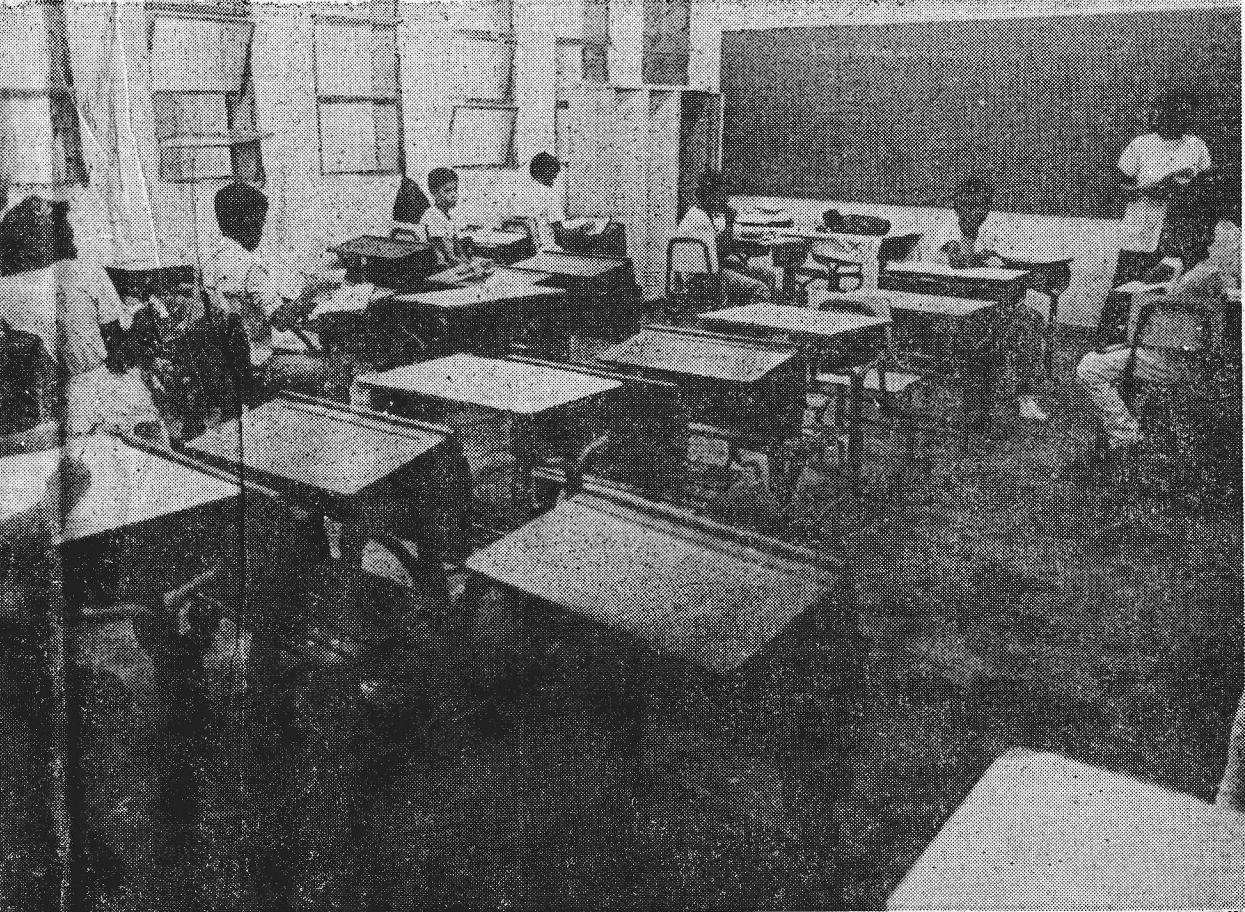
"A pobreza das crianças que freqüentam as escolas públicas, as desigualdades de renda no País e as dificuldades da família em acompanhar os estudos dos filhos são as principais causas da repetência nas primeiras séries", afirma Elba Barreto, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas.

Para ela, os currículos das primeiras séries têm a "pretensão" de ensinar muito à criança e os professores acabam trabalhando de um modo mecanizado, com o qual a criança aprende somente o que está na cartilha. "A avaliação é em cima do que a criança treinou muito. Fora isso, ela não se sai bem. E muitos não conseguem sucesso na avaliação." Elba Barreto lembra ainda que nas famílias de classe média, a mãe ajuda nas lições de casa. "Nas classes populares, nem que ela queira, a mãe consegue acompanhar, porque ela trabalha fora e não tem instrução."

Comparação

Elba Barreto fez, há alguns anos, um trabalho de comparação entre redações escritas por alunos de periferia e de uma escola particular de São Paulo. O primeiro grupo apresentou poucos erros de ortografia, mas as redações do segundo eram muito mais criativas, com conteúdo. "A norma culta se ensina lentamente e os professores só estão utilizando a cartilha." Ela acha que os professores deveriam ler para as crianças antes mesmo delas estarem alfabetizadas. "A garotada vai começar a perceber que a língua escrita é a transcrição do que falamos, e isso facilita a aprendizagem."

A pesquisadora destaca um outro ponto que precisa ser discutido: "Quando uma criança repete, não quer dizer que ela não aprendeu. A reprovação significa que ela só não chegou ao critério estipulado". Elba Barreto não concorda com os educadores que defendem que repetir o ano ajuda a solidificar os conceitos. "Isso acontece em casos minoritários. Na maioria das vezes, as crianças são tratadas como se nunca tivessem ido à escola. Os oito meses anteriores não são contados e a criança se frustra." Ela acredita que o processo de aprendizagem precisa ser "integrativo", onde os alunos podem expressar suas experiências, mas é necessário estudar formas de acabar com a reprovação: "Se voltam ao mesmo ponto, as crianças não vão desenvolver suas potencialidades".



Sidney Corrallo

Em São Paulo, muitas escolas precisam de reformas mas não recebem atenção do governo



Na área da Transamazônica, a precariedade é total, dificultando o aprendizado